
O saque de Dinant: a morte de uma cidade belga

Carlos Roberto Carvalho Daróz¹

Resumo: Dinant, uma pequena cidade belga localizada perto da fronteira com a França, às margens do Rio Meuse e na entrada da Floresta das Ardenas, figurou, desde a Antiguidade, como um local estratégico. Com a deflagração da Grande Guerra em 1914, o Exército Alemão invadiu a Bélgica em seu caminho para conquistar a França. Ante a resistência exercida pelo Exército Francês em Dinant, que havia se antecipado ao movimento dos alemães, estes responsabilizaram a população civil local, que, supostamente, teria empregado franco-atiradores contra suas tropas. Como resultado, os alemães perpetraram, em 23 de agosto de 1914, a destruição dos imóveis da cidade e um massacre contra seus habitantes, quando 647 pessoas, incluindo mulheres e crianças, foram fuziladas pelo Exército Alemão. O presente artigo resulta de pesquisa historiográfica e de campo na cidade de Dinant, e tem como objetivo analisar o papel das tropas alemãs nos massacres de 23 de agosto de 1914, a investigação dos crimes de guerra e as repercussões percebidas nos anos após o conflito.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial, crimes de guerra, Plano Schlieffen

Abstract: Dinant, a small Belgian town located near the border with France, on the banks of the Meuse River and at the entrance to the Ardennes Forest, has since antiquity been a strategic location. With the outbreak of the Great War in 1914, the German Army invaded Belgium on its way to conquer France. In the face of the resistance exerted by the French Army in Dinant, which had anticipated the movement of the Germans, they blamed the local civilian population, who allegedly employed snipers against their troops. As a result, the Germans perpetrated, on 23 August 1914, the destruction of the city's buildings and a massacre against its inhabitants, when 647 people, including women and children, were shot by the German Army. This article results from historiographical and field research in the city of Dinant, and aims to analyze the role of German troops in the massacres of August 23, 1914, the investigation of war crimes and the repercussions perceived in the years after the conflict.

Keywords: World War I, war crimes, Schlieffen Plan

1. Doutorando em História pela Université Libre de Bruxelles, bolsista pelo Programme Erasmus+ da União Europeia. Pesquisador do AmericaS-Centre Interdisciplinaire d'étude des Amériques.

Introdução

A pequena cidade de Dinant localiza-se na Província de Namur, região da Valônia belga. Por sua localização estratégica às margens do Rio Meuse e na entrada da Floresta das Ardenas, ao longo dos séculos foi palco de inúmeros combates e operações militares.

Nos primeiros movimentos da Grande Guerra, em agosto de 1914, Dinant encontrava-se no centro do eixo de avanço alemão contra a França e, em razão disso, foi envolta em uma breve e intensa batalha, e seus cidadãos foram vítimas de um crime de guerra perpetrado pelo Exército Alemão que ressoa na memória da cidade até hoje, decorridos mais de cem anos do evento.

O presente artigo, resultante de pesquisa historiográfica e documental, tem por objetivo analisar a Batalha de Dinant e suas repercussões até a atualidade. Em janeiro de 2022, este autor realizou pesquisa de campo nas zonas de batalha, museus e espaços memoriais existentes na cidade.

Uma cidade estratégica

Dinant localiza-se às margens do Rio Meuse, um dos mais importantes da Europa ocidental, a 28 km de Namur e a 16 km ao norte de Givet, França. Além do rio, a cidade domina a entrada da Floresta das Ardenas, na tríplice fronteira Bélgica–Luxemburgo–França, local de intensos combates por ocasião dos dois conflitos mundiais ocorridos na primeira metade do século XX.

A região foi colonizada pelos romanos por volta do ano 52 a.C., e vestígios arqueológicos confirmam a utilização do Meuse como via navegável desde a Antiguidade. Foi durante a Idade Média, contudo, que a posição estratégica de Dinant tornou-a uma localidade a ser disputada e defendida. Em 1040, o príncipe-bispo de Liège mandou construir um castelo, cuja obra foi finalizada em 1080, passando a fortificação a ser utilizada para defender a cidade e a ponte².

No século XV, o território belga pertencia à Borgonha, e, em 1466, Carlos, o Temerário, duque da Borgonha, estabeleceu um cerco a Dinant, cidade do Principado independente de Liège. O castelo foi parcialmente destruído e suas tropas pilharam e incendiaram a cidade. Amarrados dois a dois, cerca de 800 habitantes de Dinant foram lançados para a morte no Meuse³.

Em 1675, Luís XIV conquistou Dinant e solicitou a Vauban, seu engenheiro militar, que modernizasse a fortificação com novos bastiões. Durante o cerco de Namur, o rei instalou-se com sua corte em Dinant. Por fim, a cidade foi restituída ao Principado de Liège, e os franceses se retiraram, após destruírem o castelo⁴.

Após a derrota de Napoleão em 1815, os territórios da futura Bélgica foram incorporados aos Países Baixos, formando um só Estado. Dinant mostrou-se, mais uma vez, uma cidade estrategicamente importante face à França e, para assegurar sua defesa efetiva, o Exército neerlandês reconstruiu o castelo, entre 1819 e 1821, transformando na Citadelle atual⁵.

2. CITADELLE DE DINANT. La Citadelle Dinant, plan de visite. Dinant: Citadelle Dinant, 2022.

3. CALMETTE, Joseph. The golden age of Burgundy. London: Phoenix Press, 2001.

4. LYNN, John. The wars of Louis XIV, 1667–1714. London: Longman, 1999.

5. CITADELLE DE DINANT, op.cit.

A Grande Guerra alcança Dinant

O assassinato do arquiduque Franz Ferdinand, herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro em Sarajevo, no dia 28 de junho de 1914, desencadeou uma sequência de eventos que antagonizaram as maiores potências europeias, dando origem à Grande Guerra⁶.

Muito antes do início do conflito, o Estado-Maior Geral alemão havia elaborado o Plano Schlieffen⁷, o qual estabelecia que em um cenário de guerra da Alemanha contra inimigos em duas frentes (França, no Ocidente, e Rússia, a Leste), deveria ser desfechado um rápido ataque contra os franceses, antes que os russos pudessem mobilizar seu imenso exército. Tal planejamento previa um amplo movimento de envolvimento através dos Países Baixos, Luxemburgo e Bélgica, tendo como objetivo prioritário a conquista de Paris no mais curto prazo possível.

De acordo com o plano, em 4 de agosto de 1914 o Exército Alemão atravessou o Luxemburgo e invadiu a Bélgica, poucos dias depois de um ultimato enviado ao governo belga para permitir que suas tropas cruzassem o território do país. O rei Alberto da Bélgica e seu governo se recusaram a considerar esse deslocamento e a manter neutralidade do país, e consideraram a invasão do território como uma afronta⁸.

Em agosto de 1914, Dinant possuía uma população de cerca de 7.900 habitantes⁹. No dia 6, o prefeito da cidade Arthur Defoin ordenou que a população tivesse suas armas e munições armazenadas na câmara municipal. A medida foi estendida para o distrito de Bouvignes-sur-Meuse¹⁰. De acordo com o decreto municipal, era

formalmente assimilado que os civis não podem participar em qualquer ataque ou violência armada contra tropas inimigas. Tais ataques são proibidos pela lei das Nações e exporia seus autores e, talvez, a cidade¹¹.

Quando a guerra foi deflagrada a Bélgica esperava que sua neutralidade fosse respeitada e não possuía um plano de guerra definido, somente alianças defensivas firmadas junto a potências estrangeiras. O Exército Belga reunia a maior parte de seus meios em uma região triangular, cujos vértices encontravam-se nas cidades fortificadas de Namur, Liège e Antuérpia. Embora possuísse cerca de 200 mil homens à sua disposição, a maior parte do efetivo estava destinado a guarnecer as fortificações. O treinamento era deficiente, a artilharia escassa e sua aviação possuía apenas dez aeronaves em 1914. Uma característica única dos exércitos da Bélgica e dos Países Baixos era a utilização de cães para transportar certas cargas, especialmente metralhadoras pesadas¹².

6. De acordo com Lawrence Sondhaus, "em setembro de 1914, em declarações citadas pela imprensa norte-americana, o biólogo alemão e filósofo Ernst Haeckel fez a primeira referência registrada ao conflito como 'Primeira Guerra Mundial' [...]. O rótulo de 'Primeira Guerra Mundial' só se tornaria corrente depois de 1939, quando a revista Time e uma série de outras publicações popularizaram seu uso como corolário da expressão 'Segunda Guerra Mundial'." No presente trabalho, utilizaremos a expressão corrente da época Grande Guerra. Ver SONDHAUS, Lawrence. A Primeira Guerra Mundial: história completa. São Paulo: Contexto, 2015.

7. Alfred von Schlieffen (1833-1913) foi chefe do Estado-Maior Geral alemão e desenvolveu o plano de ataque (Plano Schlieffen) que os exércitos alemães utilizaram, com modificações significativas, na deflagração da Grande Guerra.

8. KOSSMAN, H. The Low Countries: 1870-1940. Oxford: Oxford University Press, 1978.

9. Ibid.

10. FRANÇOIS, Aurore; VESENTINI, Frédéric. Essai sur l'origine des massacres du mois d'août 1914 à Taminés et à Dinant. Centre d'Etudes Guerre et Société, n. 7, Paris, 2000.

11. TSCHOFEN, Maurice. Le sac de Dinant et des légendes du livre blanc allemande du 10 mai 1915. Ghent: S.A. Fu-tura, 1917.

12. 1914: Belgium's Dogs of War. The Dawlish Chronicles, London, s/d. Disponível em <<https://dawlischchronicles.com/1914-dogs-of-war/>>. Acesso em 25 jan. 2022.

Duas divisões de cavalaria comandadas pelo tenente-general Manfred von Richtoffen, a Divisão de Cavalaria de Guarda e a 5ª Divisão formavam a vanguarda do 3º Exército alemão. A cavalaria era acompanhada por 5 batalhões de infantaria, apoiados por dois grupos de artilharia e unidades de metralhadoras. O contingente de infantaria contava com mais de 5.000 homens. Sua missão era atravessar o Meuse entre Houx, Dinant e Anseremme¹³.

No dia 6 de agosto de 1914, chegou à Dinant um pelotão de 31 carabineiros-ciclistas do 1º Regimento de Caçadores belga. Na tarde desse dia, uma patrulha composta por dois ulhanos¹⁴ da cavalaria alemã realizou uma rápida incursão na cidade. Os soldados belgas reagiram, ferindo um dos cavalarianos alemães no braço e afastando a patrulha.

Atendendo aos compromissos firmados em anos anteriores, o Exército Francês desdobrou-se para defender o território e a soberania da Bélgica. Nesse sentido, na madrugada de 6 de agosto, a vanguarda do 5º Exército – o 148º Regimento de Infantaria – antecipou-se ao movimento dos alemães e ocupou posições para defender a barragem de Bouvines-sur-Mer e a ponte em Dinant, dois pontos possíveis de travessia. Nos dias subsequentes ocorreram escaramuças entre franceses e alemães, que desistiram das missões de ataque e passaram a utilizar sua aviação para explorar e avaliar o poder de combate dos franceses¹⁵. O primeiro reconhecimento aéreo alemão na região foi assinalado no dia 10 de agosto¹⁶.

A batalha

Após alcançarem Dinant, as tropas francesas escavaram posições defensivas na margem esquerda do Meuse, deixando algumas unidades para bloquear a cabeceira da ponte. No dia 15 de agosto, sábado, foram verificados os primeiros combates pelo controle do Meuse. Por volta das 5 horas da manhã, uma companhia do 33º Regimento de Infantaria francês foi ordenada a subir até à cidadela, supostamente ainda livre dos alemães para mantê-la.

Às seis horas da manhã, os alemães começaram a bombardear as duas margens do Meuse com sua artilharia. Primeiro destruíram o hospital civil, que tinha uma enorme cruz vermelha sobre ele. O castelo de Bouvignes, que tinha sido transformado em hospital de campanha para os feridos franceses, teve o mesmo destino¹⁷. As granadas 77 mm da artilharia alemã foram concentradas contra a cabeceira da ponte e a estrada para Philippeville, por onde os reforços franceses poderiam chegar ao campo de batalha. As baixas francesas entre as tropas que ocupavam a estação ferroviária e a ponte foram elevadas: 11 mortos, 57 feridos e 96 desaparecidos¹⁸.

13. COLEAU, Michel. Le martyre des prémontrés de Leffe: une Abbaye sous haute tension (août-novembre 1914). Dinant: Les Echos de Crèvecœur, 2014.

14. Um ulhano é um soldado de cavalaria armado com lança nos exércitos eslavos e germânico, semelhante ao lanceiro nos exércitos franceses.

15. SCHMITZ, Chamoine; NIEWLAND, Norbert. Documents pour servir à l'histoire de l'invasion allemande dans les provinces de Namur et de Luxembourg. Bruxelles: Van Hoest & Cia, 1922.

16. MUSÉE DE LA CITADELLE DE DINANT.

17. COLEAU, Michel et al. Dinant: Août 1914 - Les rives sanglantes. Namur: Les Éditions namuroises, 2014.

18. SIMONET, Benjamin. Franchise militaire: de la bataille des frontières aux combats de Champagne, 1914-1915. Paris: Gallimard, 1986.

Quatro batalhões franceses que estavam em reserva foram acionados para intervir no combate. Os dois pertencentes ao 73º Regimento de Infantaria chegaram de Onhaye sem grandes problemas, mas os do 8º, estacionados em Weillen, tiveram muitas dificuldades em sua marcha para a frente, sendo alvo de fogo de metralhadoras e perdendo mais de 350 soldados. Às 11 horas da manhã, o general Henry Deligny, comandante francês no setor, ordenou à sua artilharia que desencadeasse fogos de contrabateria contra as posições germânicas, mas, em apenas 40 minutos, a Citadelle caiu em poder dos alemães¹⁹.

Às 13h20, o general Deligny ordenou um contra-ataque para reconquistar a cidade. O 27º Regimento de Artilharia de Campanha entrou em ação, e seus canhões de tiro rápido de 75mm responderam ao fogo das peças de artilharia alemãs e silenciaram as metralhadoras nas cristas da Citadelle. Por volta das 16 horas, o 8º Regimento de Infantaria se reorganizou e atravessou o Meuse para retomar a Citadelle. Elementos dos 73º e 8º Regimentos escalaram os 408 degraus e contrafortes que conduziam à fortificação, conseguindo reconquistá-la poucas horas após ter sido capturada pelos alemães. Cerca de vinte soldados alemães foram feitos prisioneiros²⁰. No final do dia, as armas alemãs cessaram de disparar e o inimigo iniciou uma retirada, perseguido pela cavalaria francesa, que tinha se aproximado do Meuse²¹. A infantaria foi trazida de volta à margem esquerda e, ao cair da noite, estabeleceu-se na cidade como corpo de reserva.

Durante a batalha, Charles de Gaulle, então tenente do 33º Regimento de Infantaria e futuro presidente da França, teve seu batismo de fogo. Na ocasião, quando atravessava a ponte sobre o Meuse, foi atingido na perna, sofrendo uma fratura no perônio²². Atualmente, a ponte de Dinant leva seu nome, e existem uma placa e uma escultura em sua homenagem.

Os alemães deixaram Dinant com a perda de 3 mil homens mortos, feridos, aprisionados ou desaparecidos. Quando, no topo da Citadelle, a população de Dinant viu a bandeira francesa substituir as cores alemãs que ali tinham tremulado desde as primeiras horas da manhã, a população da cidade cantou a Marselhesa²³.

Nos dias subsequentes, a cidade de Dinant foi sobrevoada por aviões alemães e continuaram a ocorrer algumas escaramuças. As unidades francesas concentravam-se na margem esquerda do Meuse, prontas para intervir em caso de ataques alemães²⁴. A derrota no combate de 15 de agosto, no entanto, não foi assimilada pelos alemães, que despejaram sua frustração contra a população civil de Dinant.

19. LE GÉNÉRAL Deligny. *Le Pays de France*, Paris, n. 174, 14 fev. 1918, p. 31.

20. VILLE DE DINANT. *Bataille du 15 août 1914*. Disponível em <<http://www.dinant.be/patrimoine/histoire-dinantaise/bataille-15-aout-1914>>. Acesso em 26 jan. 2022.

21. SIMONET, op.cit.

22. FORO, Philippe. Charles de Gaulle et François Mitterrand: regards croisés sur l'Allemagne à partir de leur expérience de la captivité. In: CAUCANAS, Sylvie et al (org.). *Les prisonniers de guerre dans l'Histoire: Contacts entre peuples et cultures*. Toulouse: Provat, 2003.

23. COLEAU, Dinant ..., op.cit.

24. VILLE DE DINANT. *Le sac du 23 août 1914*. Disponível em <<http://www.dinant.be/patrimoine/histoire-dinantaise/sac-du-23-aout-1914>>. Acesso em 26 jan. 2022.

A preparação do ambiente para o massacre

O mito dos franco-atiradores era particularmente forte entre as tropas alemãs e seus líderes desde a Guerra Franco-Prussiana de 1870. Foi, inclusive, descrito em manuais sobre a arte da guerra: por exemplo, os autores do manual *Kriegsgebrauch im Landkriege*, publicado em 1902 pelo Estado-Maior Geral alemão, exortavam os oficiais e tropas a serem extremamente severos no tratamento a ser dado aos franco-atiradores²⁵. Essa crença profundamente enraizada moldou a percepção e a leitura dos acontecimentos pelas tropas alemãs em agosto de 1914. Quando patrulhas não regressavam ou quando a origem do tiroteio não podia ser claramente estabelecida, atribuíam o problema prontamente a franco-atiradores²⁶ entre a população da cidade.

A presença do grupo paramilitar Guarda Cívica nos primeiros dias da invasão reforçava a percepção dos alemães, que a associavam a uma milícia de civis armados. De fato essa tropa, fundada durante a revolução belga de 1830, era composta por burgueses com a missão de defender a integridade do território. Embora a população de Dinant tivesse sido legalmente desarmada em 6 de agosto por decreto municipal, a Guarda Cívica local só foi desmobilizada no dia 15 e efetivamente recolheu suas armas no dia 18²⁷.

A derrota de 15 de agosto custou aos alemães cerca de 3.000 homens, e a Marselhesa cantada pela cidade libertada exacerbou o ódio do invasor contra a população civil²¹. A partir do dia 21, as tropas alemãs viveram a ansiedade de eliminar os supostos franco-atiradores de Dinant. O álcool saqueado das casas foi consumido em abundância pelos soldados, servindo como catalisador para ampliar as tensões que resultariam nos acontecimentos da semana seguinte²⁹.

A configuração do Dinant, alongada no fundo de um vale profundo e estreito, tornava difícil identificar a origem de um tiro e, da mesma forma, era praticamente impossível localizar a fonte dos disparos quando os projéteis ricocheteavam no rochedo³⁰. Além disso, os franceses, que ocupavam as alturas da margem esquerda, não deixavam de disparar sempre que obtinham um bom campo de tiro. Finalmente, na confusão do combate e na fumaça da batalha, muitos soldados alemães foram atingidos por fogo amigo³¹. Todos estes elementos reforçaram a certeza das tropas alemãs de terem sido vítimas de franco-atiradores civis belgas³². A partir daí, os alemães, cuja percepção da realidade havia sido alterada ao ponto de interpretá-la incorretamente, sentiram-se autorizadas a recorrer à violência contra a população da cidade.

Na noite de 21 de agosto, alguns oficiais alemães deixaram claras as suas intenções. Um capitão declarou ao pároco de Lisogne: "Amanhã Dinant será queimada e todos habitantes mortos!"

25. FRANÇOIS, VESENTINI, op.cit.

26. HORNE, John; KRAMER, Alan. 1914, les atrocités allemandes: la vérité sur les crimes de guerre en France et en Belgique. Paris: Éditions Tallandier, 2011.

27. CHANOINE, Jean Schmitz; NIEUWLAND, Dom Norbert. Documents pour servir à l'Histoire de l'invasion alle-mande dans les provinces de Namur et de Luxembourg: quatrième partie, le combat de Dinant, II. Le sac de la ville, v. 5. Paris/Bruxelles: Librairie nationale d'art et d'histoire/G. Van Hoest & Cie, 1922.

28. LIPKES, Jeff. Rehearsals: the German Army in Belgium, August 1914. Leuven: Leuven University Press, 2007.

29. SCHMITZ; NIEUWLAND, op.cit.

30. Ibid.

31. LIPKES, op.cit.

32. FRANÇOIS; VESENTINI, op.cit.

Nós perdemos homens em demasia"³³. Durante a noite de 21 para 22, a população civil de Dinant vivenciou os primeiros confrontos, quando uma patrulha de reconhecimento alemã des-ceu sobre a cidade a partir das alturas da margem direita do rio, à qual se juntaram em breve nu-meros quantidade de soldados, incursionando na Rue Saint-Jacques³⁴. Era um batalhão misto composto por homens do Regimento de Fuzileiros nº 108, que operava em conjunto com o Ba-talhão de Engenharia nº 12. Os alemães mataram sete civis e atearam fogo em cerca de vinte casas na rua, em cinco das quais moradores morreram queimados nos incêndios³⁵.

Embora os alemães classificassem a ação como um reconhecimento em força, o diário de campanha de um dos batalhões envolvidos revelou que a decisão dessa incursão tinha sido to-mada no nível de brigada, com o objetivo levar a população de Dinant a expulsar os defensores franceses, além de destruir a cidade tanto quanto possível³⁶. Depois da guerra, um soldado chamado Rasch explicou que, tendo chegado de madrugada no final da Rue Saint-Jacques e vendo um café ainda iluminado, lançou uma granada de mão e desencadeou um tiroteio que, segundo ele, só exacerbou a sensação de pânico, pois os tiros pareciam vir de todos os lados, inclusive das casas³⁷. Sua companhia perdeu oito homens e o seu capitão ficou gravemente feri-do. No final, essa ação desastrosa custou a vida de 19 homens e produziu 17 feridos entre os alemães. Os alemães, munidos de tochas, tornaram-se alvos perfeitos para os soldados franceses posicionados na margem oposta do rio e, mais uma vez, o episódio reforçou o mito dos franco-atiradores³⁸.

Essas primeiras ações levaram parcela da população a abandonar a margem direita do Meuse para encontrar segurança. Com a ponte em Dinant e a barragem de Bouvignes-sur-Meuse obstruídas por barricadas francesas, as famílias fugiram a bordo de barças turísticas. Ao todo, 2.500 habitantes de Dinant conseguiram se abrigar no interior das linhas francesas³⁹.

Ao meio dia de 22 de agosto, os franceses proibiram as travessias, pois elas estavam atra-palhando o movimento das tropas⁴⁰. O I Corpo do 5º Exército francês foi substituído pela 51ª Divisão de Infantaria e pelo 273º Regimento de Infantaria. A 51ª Divisão viu-se em contato com três corpos do Exército Alemão em uma frente com mais de 30 quilômetros de extensão. Em Dinant, o 273º Regimento de Infantaria enfrentou o XII Corpo do Exército (I Corpo da Saxô-nia). Um ataque dos franceses não era, portanto, uma opção, mas a posição vantajosa que deti-nham deveria permitir-lhes atrasar a travessia do Meuse pelos alemães. Com isso em mente, no meio da tarde os franceses explodiram a barragem em Bouvignes-sur-Meuse, mas mantiveram intacta a ponte de Dinant⁴¹. Escavaram novas posições defensivas na margem esquerda, para esperar pelo inimigo, desistindo de manter tropas na margem direita do Meuse⁴².

33. LIPKES, op.cit.

34. COLEAU et al, op.cit.

35. HORNE; KRAMER, op.cit.

36. Ibid.

37. LIPKES, op.cit.

38. HORNE; KRAMER, op.cit.

39. FRANÇOIS; VESENTINI, op.cit.

40. LIPKES, op.cit.

41. HORNE; KRAMER, op.cit.

42. SCHMITZ; NIEWLAND, op.cit.

23 de agosto: morte e terror em Dinant

Nas primeiras horas do dia 23 de agosto de 1914, o XII Corpo alemão penetrou na cidade por quatro rotas distintas⁴³. Ao norte da cidade, a 32ª Divisão e o Regimento nº 178 invadiram o setor entre Houx e o distrito de Leffe. Em seu caminho os alemães matam todos os civis: 13 homens foram alvejados em Pré Capelle e 71 foram assassinados nas proximidades da fábrica de papel (papeterie). O sargento Paul Zschocke, pertencente ao Regimento de Infantaria nº 103, explicou que tinha recebido ordens de seu comandante de companhia para procurar os franco-atiradores e "para matar qualquer pessoa que lá encontrasse"⁴⁴. 45 casas foram sistematicamente revistadas e os moradores fuzilados ou levados para a abadia de Prémontrés. Às 10 horas da manhã, os monges, desconhecendo o destino que lhes seria reservado, reuniram os 43 homens presentes, a pedido dos oficiais alemães. Todos foram fuzilados na Praça da Abadia⁴⁵.

À noite, 108 civis que tinham se escondido nos porões da grande fábrica de tecidos em Leffe decidiram se render. O diretor da fábrica Remy Himmer, que também era vice-cônsul da República Argentina, seus familiares e alguns de seus funcionários foram imediatamente presos. Mulheres e crianças foram enviadas para o convento em Prémontrés. Himmer e 30 homens foram fuzilados na Praça da Abadia, que ainda estava repleta dos cadáveres assassinados pela manhã. Depois, os alemães atearam fogo na fábrica⁴⁶. O massacre continuou durante toda a noite no distrito de Leffe: as casas foram saqueadas e depois incendiadas e os civis do sexo masculino foram fuzilados. Quando os alemães deixaram Leffe, só restavam dez homens vivos. A engenharia da 32ª Divisão construiu, então, uma ponte de pontões diante do distrito de Leffe e atravessou o Meuse⁴⁷.

Os Regimentos de Infantaria nº 108 e 182 da 46ª Brigada e os Regimentos de Artilharia nº 12 e 48 desceram a Rue Saint-Jacques. Às 06h30 da manhã sua vanguarda chegou ao abatedouro de gado, que foi imediatamente incendiado. Os alemães, encontrando menos civis nas casas, atearam fogo em todo o distrito. Todos os civis do sexo masculino que tinham decidido ficar foram executados, sem exceção. À tarde, um pelotão do Regimento nº 108⁴⁸ encontrou cerca de uma centena de civis que haviam se refugiado na cervejaria Nicaise. As mulheres e crianças foram levadas para a Abadia de Leffe; os 30 homens presentes no local foram levados para a Rue des Tanneries, alinhados ao longo da muralha de Laurent e executados. Três deles conseguiram escapar sob a cobertura da escuridão⁴⁹.

Homens do Regimento nº 182 construíram uma barricada utilizando móveis saqueados das casas, à qual amarraram um jovem que acusaram de ser franco-atirador embora tivesse sido encontrado desarmado, para servir de escudo humano. No final da tarde, apanhados sob fogo pelas suas próprias tropas, mataram o refém e se retiraram⁵⁰.

43. COLEAU et al, op.cit.

44. HORNE; KRAMER, op.cit.

45. EVRARD, Ernest. Les massacres de Dinant. Anvers: Imprimerie Nationale L. Opdebeek, 1919.

46. HORNE; KRAMER, op.cit.

47. LIPKES, op.cit.

48. HORNE; KRAMER, op.cit.

49. SCHMITZ; NIEWLAND, op.cit.

50. HORNE; KRAMER, op.cit.

O Regimento de Infantaria nº 100 alemão desceu do Montagne de la Croix e atacou o distrito de Saint-Nicolas, que foi saqueado das oito da manhã até às oito da noite⁵¹. O episódio foi descrito por Maurice Tschoffen, que presenciou os acontecimentos⁵²:

Na rua deserta marchavam em duas linhas ao longo das casas, a da direita observando as casas da esquerda e vice-versa, todos com o dedo no gatilho e prontos para disparar. Em frente de cada porta, formavam-se grupos de soldados que crivavam de balas as casas, especialmente as janelas [...]. Eu sei que os soldados atiraram muitas granadas nos porões⁵³

Dois homens foram mortos a tiros na porta de casa e, como ocorreu na Rue Saint-Jacques, os civis foram utilizados como escudos humanos na Place d'Armes. Em meio ao caos da batalha, alguns deles caíram sob os fogos disparados pelos franceses posicionados na margem oposta do Meuse. Os alemães aproveitaram para conquistar o distrito de Rivages, onde as casas foram incendiadas e os civis foram levados para a Maison Bouille⁵⁴.

No sopé da Montagne de la Croix, homens e mulheres foram separados. As mulheres e crianças foram convidadas a abandonar as instalações, mas ficaram para saber o destino dos seus maridos, irmãos e filhos. Alguns dos homens foram levados para a prisão; 137 outros foram alinhados em quatro filas ao longo do muro do jardim de Maurice Tschoffen (fig. 1), depois o coronel Bernhard Kielmannsegg, comandante do Regimento de Infantaria nº100, ordenou sua execução⁵⁵.



Figura 1: Muro Tschoffen preservado como monumento. Neste local foram fuzilados 137 moradores da cidade.

Os pelotões de fuzilamento dispararam duas vezes, depois uma metralhadora disparou sobre os cadáveres do terraço do jardim Frankinet⁵⁶. 116 homens pereceram enquanto cerca de 30 homens fingiram estarem mortos. Estes últimos, em sua maioria feridos, saíram do amontoado de cadáveres aproveitando a escuridão da noite. Nos dias seguintes, cinco deles foram recapturados e fuzilados⁵⁷.

51. Declaração do tenente-coronel Kielmannsegg. Ver SCHMITZ; NIEWLAND, op.cit.

52. Maurice Tschoffen (1868-1936) foi um promotor de justiça do distrito judicial de Dinant. Ficou conhecido como autor de obras relacionadas com o saque e massacre de Dinant, em agosto de 1914.

53. HORNE; KRAMER, op.cit.

54. SCHMITZ; NIEWLAND, op.cit.

55. CLARINVAL, Willy. Quel est cet officier allemand qui sauva 300 Dinantais, le 23 août 1914, d'un second massacre près de la prison?: contribution à l'étude des événements d'août 1914 à Dinant, Traces mosanes, n. especial, mar. 2014.

56. Ibid.

57. HORNE; KRAMER, op.cit.

O major Von Loeben, que comandou um dos dois pelotões de fuzilamento (o segundo foi comandado pelo tenente Von Ehrenthal)⁵⁸ testemunhou perante uma comissão de inquérito alemã no pós-guerra: "Presumo que estes eram homens que tinham disparado ou agido de alguma forma com hostilidade contra as nossas tropas"⁵⁹.

Ao sul da cidade, o Regimento de Infantaria nº 101 alemão somente chegou ao fim da tarde, através da estrada de Froidvau, onde construiu uma ponte de pontões à montante do Rochedo Bayard. Os civis foram aprisionados e mantidos como reféns. A eles juntou-se um grupo de civis de Neffe que tinham sido forçados a atravessar em barcos. Por volta das 17 horas, os alemães, que já tinham avançado 40 metros ao longo do Meuse, sofreram um forte ataque a partir da margem esquerda⁶⁰. Com o argumento de que os "franceses estavam disparando contra eles", os alemães mataram os 89 reféns ao longo do muro do jardim Bourdon. 76 pessoas foram mortas, incluindo 38 mulheres e sete crianças, a mais nova das quais, Mariette Fivet, com apenas três semanas de idade e abatida no colo de sua mãe.

O Regimento nº 101 atravessou o Meuse nos arredores de Neffe, investindo com mais um grupo de cidadãos de Dinant. 55 civis refugiaram-se em um pequeno aqueduto sob a ferrovia, mas foram surpreendidos pelos alemães. O oficial Karl Adolf von Zeschau ordenou a execução com fuzis e granadas: 23 civis foram mortos e 12 feridos⁶¹.



Figura 2: Dinant parcialmente destruída após a batalha. É possível observar a Citadelle no topo do rochedo, a catedral Colegièlle e a ponte dinamitada pelos franceses.

Por volta das 18 horas do dia 23 de agosto, os franceses explodiram a ponte Dinant (Fig.2) e se retiraram pela estrada de Philippeville. A barbaridade alemã continuou a ser perpetrada nos dias seguintes, e aqueles que deixaram os seus esconderijos demasiado cedo pagaram com as suas vidas. Os civis foram requisitados para enterrar as centenas de cadáveres que jaziam nas ruas e praças de Dinant e em seus arredores⁶².

58. Ibid.

59. Ibid.

60. Ibid.

61. SCHMITZ; NIEWLAND, op.cit.

62. Ibid.

No aprisionamento, os alemães separaram as mulheres e as crianças dos homens. Estes últimos, conscientes do destino que os esperava, receberam a absolvição de um padre. O som de um tiroteio – o fuzilamento do Muro Tschoffen – provocou uma confusão tanto entre os prisioneiros como entre os seus carcereiros. Alguns pensaram que os franceses estavam tentando retomar a cidade. A execução não foi concretizada, e os prisioneiros foram levados para o Rochedo Bayard, de onde as mulheres e crianças foram obrigadas a caminhar até Dréhance e Anseremme. Os 416 homens aguardaram a deportação para a Alemanha, sob o comando do capitão Hammerstein⁶³. Os prisioneiros foram encaminhados para Marche e depois conduzidos à estação de Melreux, divididos em grupos de 40 em vagões de gado, sendo enviados para a prisão de Cassel na Alemanha⁶⁴. Em seu testemunho, Tschoffen, um dos aprisionados, afirmou que

um dia, o diretor da prisão disse-me que as autoridades militares em Berlim estavam agora convencidas de que ninguém tinha disparado um tiro em Dinant. Não sei por que fez esta declaração. Portanto, não havia razão para nos prender; não sei que razão poderia ter havido para nos libertar⁶⁵.

Além disso, 33 religiosos foram reunidos na escola comunal de Dinant, e depois enviados para Marche, onde foram mantidos em cativeiro durante um mês⁶⁶. Durante o saque alemão, 750 imóveis foram queimados ou destruídos, dois terços das edificações da cidade⁶⁷.

O obituário com os nomes das vítimas civis circulou rapidamente. A primeira versão, editada por de Dom Norbert Nieuwland e publicada em 1915, continha 606 nomes⁶⁸. As autoridades militares de ocupação alemãs exigiram que a população entregasse cópias do obituário, sob ameaça de severas sanções⁶⁹.

Em 1922, após o fim da guerra, Nieuwland e Schmitz chegaram a 674 vítimas, incluindo 5 desaparecidas⁷⁰. Em 1928, Nieuwland e Tschoffen acolheram o mesmo número de vítimas e pessoas desaparecidas⁷¹. Finalmente, pouco antes do centenário do massacre, Michel Coleau e Michel Kellner publicaram uma versão corrigida do obituário e chegaram a um total de 674 vítimas identificadas e três pessoas não identificadas⁷². Considerando-se a população de Dinant em 1914, calculada em pouco mais de 7 mil, o massacre de 23 de agosto provocou a morte de cerca de 8,5% dos habitantes.

63. Ibid.

64. Ibid.

65. Ibid.

66. Ibid.

67. PETIT, Jean-Philippe. Dinant le 6 mai sera le jour du "rapprochement": le drapeau allemand flottera sur le pont. Di-nant, Le Soir, Bruxelles, 14 mar. 2001.

68. NIEWLAND, Norbert. Le nécrologe dinantais. Bruxelles: Dewit (édition clandestine), 1915.

69. SCHMITZ; NIEWLAND, op.cit.

70. Ibid.

71. NIEWLAND, Norbert; TSCHOFFEN, Maurice. Le conte de fée des francs-tireurs de Dinant: réponse au rapport du professeur Meurer de l'Université de Würzburg. Gembloux: Duculot, 1928.

72. De acordo com Michel Coleau e Michel Kellner, versão de 13 set. 2013. Disponível em <[http://www.dinant.be/uploads/news/2137/liste_des_victimes_\(13.09.2013\).pdf](http://www.dinant.be/uploads/news/2137/liste_des_victimes_(13.09.2013).pdf)>. Acesso em 28 jan. 2022.

Testemunhos dos sobreviventes

Apenas alguns dias após a tragédia que recaiu sobre Dinant, os sobreviventes decidiram registrar seus testemunhos, tornando possível reconstruir o curso dos acontecimentos. Três das centenas de depoimentos mantidos no bispado de Namur e na abadia de Maredsous são particularmente bem conhecidos. Albine Bovy, uma das testemunhas que presenciou o massacre, afirmou:

Toda a família estava reunida na casa de meus pais, que foi construída contra a rocha, atrás das casas de Joseph Rondelet e da viúva Camille Thomas, na rua Saint-Pierre. Meu pai, que estava trabalhando em Mianoye (Assesse), estava ausente. No domingo, 23 de agosto, por volta das 16 horas, quando vimos alemães se instalando no café Rondelet, cujos proprietários haviam fugido no dia anterior e bebendo até se embriagarem, fugimos para as montanhas. Mas outros soldados que estavam acima de nós nos viram; minha mãe, que estava com o pequeno Marcel de 4 anos nos braços, levantou a mão que ainda estava livre. No entanto, os soldados dispararam contra nós: uma primeira bala quebrou o braço de Marcel, uma segunda atingiu minha mãe no pulso e uma terceira explodiu os miolos dela. Outras balas atingiram minhas irmãs Adèle e Éloïse, que caíram. Enquanto Léon, Aline e Paul fugiram para um lado, eu consegui me esconder em uma rocha, onde fiquei até segunda-feira à noite. Então os alemães me descobriram e, com outras pessoas, me levaram a Prémontrés, onde encontrei os demais integrantes da minha família ainda vivos⁷³.

Maurice Lion, outra testemunha das atrocidades alemãs, registrou sua experiência ante os invasores de sua cidade

No dia 23 de agosto, de manhã cedo, o canhão foi ouvido e pensamos estar testemunhando uma batalha semelhante à do dia 15. Aproveitando uma leve pausa, por volta das 10 horas, meu pai e eu abrimos a porta da frente para ter uma ideia melhor do que estava acontecendo na rua. Rapidamente a fechamos, vendo soldados alemães no quarteirão que haviam levantado seus fuzis à nossa vista e fomos para o porão. Algum tempo depois, ouvimos o som de janelas quebradas e portas sendo arrombadas. Logo, pudemos ouvir o som distinto de um machado investindo contra nossa porta. Meus pais decidiram abrir a porta e já estavam no corredor quando ele cedeu sob os golpes dessas pessoas enérgicas que invadiram a casa, gritando como demônios, e descarregando suas armas à queima-roupa. Meu pai, atingido no peito, cambaleou para trás mais alguns passos, agarrado à sua mesa e caiu: estava morto. Minha mãe, atingida no ombro, gritou de dor e se refugiou no porão, enquanto minha avó, tentando ajudar seu filho que havia sido ferido mortalmente, foi atingida por uma bala na parte de trás do pescoço que a derrubou no chão. Um quarto tiro atingiu meu avô, sentado em uma poltrona, e o matou. Ao me verem, os bandidos descarregam suas armas em mim, mas as balas assobiaram em meus ouvidos sem me atingir. Os soldados, convencidos de que não haviam poupado ninguém, se retiraram e tudo à minha volta foi logo mergulhado num silêncio mortal⁷⁴.

73. SCHMITZ; NIEWLAND, *op.cit.*

74. *Ibid.*

Camille Fivet, outra civil moradora de Dinant, testemunhou acerca de sua experiência de sobrevivência diante de um pelotão de fuzilamento alemão:

Logo que chegamos à frente do muro de Bourdon, atiraram em nós; eu caí. Alexandre Bourdon estava em cima de mim. Por volta das 21 horas, eu queria me levantar. Imediatamente eles dispararam na minha direção, mas, como eu estava sob Bourdon, foi ele quem foi atingido. Pude então ver tudo o que estava acontecendo ao meu redor. Ouvi um bebê chorando, era a pequena Gilda Marchot, de 2 anos de idade. Um alemão colocou o cano de seu fuzil na boca da criança e atirou! Com repugnância, vi-rei-me para o outro lado e vi um soldado carregando investindo contra um corpo com sua baioneta; reconheci o corpo de minha sobrinha, Mariette Fivet, que tinha três semanas de vida. Depois de brincar com o cadáver desta criança, o soldado colocou-o no chão e colocou o pé sobre o estômago para remover sua baioneta. No dia seguinte, enterrei o corpo de meu irmão, minha cunhada e minha pequena Mariette, que tinha 22 dias de idade. Descobri que as vestes da bebê estavam todas rasgadas no estômago e cheias de sangue⁷⁵.

Os testemunhos não deixam dúvidas quanto ao nível de atrocidades cometidas na passagem dos alemães pela cidade.

Os agentes do massacre

O 3º Exército alemão era comandado pelo general saxão Max von Hausen e dividido em três corpos. Foi o XII Corpo (I Corpo saxônico) comandado pelo general Karl Ludwig d'Elsa o responsável por tomar Dinant e cruzar o Meuse naquele ponto. O corpo era composto por duas divisões: a 32ª Divisão de Infantaria, comandada pelo tenente-general Horst Edler von der Pla-nitz, e a 23ª Divisão de Infantaria, sob as ordens de Karl von Lindeman⁷⁶.

Explicando o pensamento comum a esses comandantes militares, o general bávaro Jakob von Hartmann, que lutou na Guerra Franco-Prussiana, escreveu anos antes

os indivíduos devem ser duramente atingidos, quando se faz deles um exemplo para servir de aviso [...]. Mas, para a comunidade, é um benefício salutar que esta severidade tenha sido exercida contra indivíduos. Quando a guerra nacional irrompe, o terrorismo se torna um princípio militarmente necessário⁷⁷.

Ele próprio um veterano da guerra franco-alemã de 1870, Max von Hausen recomendou que suas tropas desconfiassem da população civil, pois eles eram rápidos para pegar em armas contra as tropas alemãs. Como resultado, em todos os níveis de comando, a palavra de ordem era "tratar os civis com o máximo rigor"⁷⁸.

75. Ibid.

76. COLEAU, op.cit.

77. SCHMITZ; NIEWLAND, op.cit.

78. TIXHON, Axel. Ex Cathedra: Qui étaient les bourreaux de Dinant en 1914? Matélé, 2015. Disponível em <<https://archive.wikiwix.com/cache/index2.php?url=https%3A%2F%2Fwww.matele.be%2Fex-cathedra-qui-etaient-les-bourreaux-de-dinant-en-1914#federation=archive.wikiwix.com>>. Acesso e 29 jan. 2022.

Os primeiros relatos concretos da presença de franco-atiradores chegaram ao Estado-Maior Geral alemão enquanto o 3º Exército se concentrava no Leste. Essa crença no "mito dos franco-atiradores" levou os alemães a tomarem as medidas mais severas contra a população civil. Quando ocorreu a Batalha de Dinant, que confrontou o 3º Exército contra os regimentos franceses, já havia uma instrução nos comandos alemães para aterrorizar a população civil⁷⁹.

Foi o caso do Regimento de Infantaria nº 178, liderado pelo coronel Kurt von Reyher, ele próprio sob as ordens do comandante da brigada, major-general Morgenstern-Döring, que pediu a suas tropas para "serem impiedosas e para agirem sem a menor consideração contra esses atiradores fanáticos e usarem os meios mais enérgicos"⁸⁰. Von Reyher instruiu o major Kock, do 2º Batalhão, a "purgar as casas". O capitão Wilke, comandando a 6ª Companhia e, posteriormente, a 9ª Companhia colocada sob suas ordens para ajudá-lo nesta tarefa, liderou uma série de ações contra a população civil com o objetivo de aterrorizá-la, particularmente no distrito de Leffe e em sua abadia⁸¹.

No que diz respeito à 23ª Divisão de Infantaria, por intermédio de suas 45ª e 46ª brigadas, foram principalmente o Regimento de Infantaria nº 101 da Saxônia, comandado pelo coronel Meister, e o Regimento de Infantaria nº 100, sob a liderança do tenente-coronel Kilmannsegg, as unidades responsáveis pelas execuções, saques e incêndios no sul da cidade, em Les Rivages, no distrito de Saint-Nicolas e em Neffe. O major Schlick, comandante das 3ª e 4ª companhias do Regimento nº 101, foi um dos mais ativos nestes eventos⁸².

O Regimento de Infantaria nº 178, que havia saqueado Leffe, atravessou o Meuse após a retirada das tropas francesas e chegou a Bouvignes-sur-Meuse. Lá, cometeu novos atos de violência, provocando 31 vítimas⁸³. O 3º Exército alemão, atrasado por uma semana em relação ao cronograma do Plano Schlieffen, continuou seu avanço, deixando em seu rastro um país devastado por saques, incêndios e execuções sumárias de civis, "confrontando seus dois inimigos, os franceses e os franco-atiradores, presentes em seu imaginário"⁸⁴.

Além dos integrantes da cadeia de comando do 3º Exército alemão, muitos oficiais subordinados atuaram como agentes do massacre de Dinant, mas, nos processos judiciais ocorridos após a guerra foram exonerados de culpa, e seus crimes permaneceram impunes.

O massacre repercute

A brutalidade alemã contra a população civil de Dinant logo repercutiu em nível internacional. Thomas-Louis Heylen, bispo de Namur, informou o Papa Bento XV sobre o ocorrido, e a divulgação produziu uma indignação mundial.

79. TSCHOFFEN, Maurice. Le sac de Dinant et les légendes du Livre blanc allemand du 10 mai 1915. Bruxelles: S. A. Futura, 1917.

80. SCHMITZ; NIEWLAND, op.cit.

81. LIPKES, op.cit.

82. SCHMITZ; NIEWLAND, op.cit.

83. HORNE; KRAMER, op.cit.

84. Ibid.

Ainda em 1915, o governo francês publicou o relatório *Documents relatifs à la guerre 1914-1915*, cujas atas especificavam diversos crimes de guerra perpetrados pelos alemães por ocasião da invasão da Bélgica, como:

1. *Violação da neutralidade de Luxemburgo e da Bélgica;*

[...]

8. *métodos de guerra pérfidos; e*

9. *crueldades inflingidas à população civil*⁸⁵.

Em sentido oposto, um grupo de 93 intelectuais alemães dirigiu um "manifesto às nações civilizadas", conhecido como manifesto dos 93, no qual eles tentaram justificar as ações de seu exército⁸⁶. Em 10 de maio de 1915, o Ministério das Relações Exteriores do Reich divulgou um Livro Branco que tentava demonstrar que "as infelizes tropas alemãs foram cruelmente agredidas em Dinant pelos ataques selvagens e desleais de uma população fanática"⁸⁷.

O governo belga contradisse com seu Livro Cinza, publicado em 1916: "[a Alemanha] é duplamente culpada que, depois de ter violado os direitos dos outros, ainda tenta, com singular audácia, justificar-se imputando às suas vítimas falhas que elas nunca cometeram"⁸⁸.

Indignada, a imprensa britânica referiu-se ao massacre como "o estupro da Bélgica". Desde então, este termo foi associado às execuções sofridas pela população civil belga entre agosto e setembro de 1914⁸⁹.

O bispo de Namur, por sua vez, respondeu aos alemães após a publicação do Livro Branco:

*Estamos apenas esperando o momento em que o historiador imparcial possa vir a Dinant, ver por si mesmo o que aconteceu lá, e questionar os sobreviventes. Há o suficiente deles para reconstruir todos os fatos em sua verdade e sinceridade. Então, ficará claro que talvez nunca antes a inocência das vítimas tenha sido mais claramente demonstrada e a culpa dos agressores mais evidente. Os eventos se resolverão no desencadeamento, dentro de um exército, de uma crueldade tão inútil quanto inexplicável. Então o mundo, que já julgou com extremo e justo rigor o massacre de quase setecentos civis e a destruição de uma cidade antiga, com seus monumentos, seus arquivos, suas indústrias, apreciará com ainda maior severidade este novo procedimento que, para se livrar de uma merecida acusação, não encolhe de nenhum meio e transforma em assassinos as vítimas que foram injustamente sacrificadas*⁹⁰.

Com o fim da Grande Guerra, as negociações que resultaram no Tratado de Versalhes forçaram a Alemanha a organizar uma série de julgamentos contra supostos criminosos de guerra alemães: os julgamentos de Leipzig, que aconteceram em 1921. Em fevereiro de 1920, a lista de pedidos de extradição dos países Aliados continha 853 nomes, líderes do antigo regime alemão e militares acusados de comportamento indigno para com civis, feridos ou prisioneiros de guerra.

85. REPUBLIQUE FRANÇAISE. Documents relatifs à la guerre: rapports et procès-verbeaux d'enquête de la commission. Paris: Imprimerie Nationale, 1915.

86. L'Appel des intellectuels allemands aux Nations civilisées. Revue Scientifique, 8 out.-14 nov. 1914, p. 170-172.

87. TSCHOFFEN, op.cit.

88. SCHMITZ; NIEWLAND, op.cit.

89. ZUCKERMAN, Larry. The rape of Belgium: the untold story of World War I. New York: New York University Press, 2004.

90. SCHMITZ; NIEWLAND, op.cit.

Destes nomes, apenas 43 foram transmitidos ao tribunal alemão, o Reichsgericht. A França queria extraditar 11 pessoas, a Bélgica 15 e a Grã-Bretanha 5. Da mesma forma, a Itália, a Polônia, a Romênia e a Iugoslávia tinham 12 pessoas na lista⁹¹. Nenhuma destas solicitações, no entanto, dizia respeito aos envolvidos no saque e massacre de Dinant.

Julgar os próprios nacionais por crimes de guerra foi uma inovação. No entanto, os julgamentos de Leipzig foram decepcionantes para os Aliados, na medida em que a justiça alemã foi rápida em inocentar os acusados ou encontrar circunstâncias atenuantes. As sentenças im-postas foram consideradas leves ou mesmo simbólicas, se considerados os crimes cometidos⁹².

Finalmente, com relação aos crimes cometidos pelo 3º Exército, franceses e belgas indicia-ram sete oficiais superiores. No dia 9 de maio de 1925, uma corte marcial reunida em Dinant condenou à revelia os alemães julgados pelo massacre na cidade. Depois dos autos do processo serem enviados para a Alemanha, no final deste ano o tribunal de Leipzig rejeitou todas as sen-tenças e, em consequência, o processo foi arquivado⁹³. Entre os indiciados estava o coronel Jo-hann Meister, comandante do Regimento de Infantaria nº101, que foi absolvido por falta de provas. O julgamento foi baseado nas investigações alemãs de 1915 e 1920, retomando os ar-gumentos do Livro Branco sobre os franco-atiradores. Finalmente, apesar de reconhecer a existência de execuções de reféns, o tribunal considerou que não havia provas de que elas haviam sido realizadas ilegalmente⁹⁴.

Novas pesquisas históricas e as desculpas tardias da Alemanha

Em 1994, os irlandeses John Horne e Allan Kramer publicaram um artigo baseado nos di-ários de soldados alemães na Bélgica escritos em agosto de 1914. Foi só então que a tese das atrocidades alemãs cometidas na Bélgica durante a Grande Guerra foi desafiada⁹⁵. A partir de 1995, historiadores como Michel Coleau, Aurore François, Michel Kellner, Vincent Scarniet, Axel Tixhon e Frédéric Vesentini começaram a examinar o episódio: os fatos foram solidamente estabelecidos graças ao depoimento das primeiras testemunhas, bem como de documentos alemães (diários de campanha, diários de guerra, testemunhos). O trabalho dos historiadores contextualizou-os e propôs novas análises.

Em 2001, os mesmos Horne e Kramer publicaram 1914, les atrocités allemandes: la vérité sur les crimes de guerre en France et en Belgique, subtítulo da coleção La Vérité sur les cri-mes de guerre en France et en Belgique. A dimensão do saque de Dinant foi, então, estabelecida⁹⁶.

91. Liste des personnes désignées par les puissances alliées pour être livrées par l'Allemagne en exécution des articles 228 à 230 du Traité de Versailles et du protocole du 28 juin 1919. Disponível em <<https://www.bibliotheca-andana.be/wp-content/uploads/2011/11/Liste-des-personnes.pdf>>. Acesso em 28 jan. 2022.

92. HORNE; KRAMER, op.cit.

93. Ibid.

94. Ibid.

95. FRANÇOIS; VESENTINI, op.cit.

96. HORNE; KRAMER, op.cit.

Nesse mesmo ano, o historiador militar belga Fernand Gérard pediu a Angela Merkel, chanceler da Alemanha, que instasse a seu governo a emitir um pedido de desculpas formal⁹⁷. Com efeito, em 6 de maio de 2001, o governo alemão, por intermédio de seu Secretário de Estado da Defesa, Walter Kolbow, em visita à cidade, pediu desculpas oficialmente, 87 anos após os acontecimentos, pelas atrocidades infligidas à população de Dinant em 1914⁹⁸. Disse ele

E é por isso que estou aqui hoje. Gostaria de pedir a todos vocês que perdoem as injustiças que os alemães uma vez cometeram neste país. Peço isto porque considero tal pedido mais necessário do que nunca, justamente no momento em que o processo de unificação europeu está se intensificando, uma Europa na qual nossos dois países estão seguindo em conjunto uma política que visa evitar o retorno de tais crimes e sofrimento⁹⁹.

As autoridades municipais responderam que não lhes competia conceder o perdão em nome dos mortos, mas acolheram com satisfação a aproximação, feita “em prol da juventude e do futuro”¹⁰⁰. Um grupo de jovens belgas e alemães hasteou simbolicamente a bandeira alemã na ponte Charles de Gaulle, até então a única em falta, enquanto todas as outras bandeiras europeias estavam ali expostas¹⁰¹.

Mesmo após esse processo de reconciliação, no entanto, em agosto de 2017 o historiador alemão Ulrich Keller ressuscitou a controvérsia em seu livro *Schuldfragen: Belgischer Untergrundkrieg und deutsche Vergeltung im August 1914*¹⁰², no qual retomou a tese de que os civis belgas haviam disparado contra o exército alemão e que essas ações foram a causa da represália contra a população. Ele baseou sua análise em documentos de arquivo mantidos em Berlim, que mostravam, entre outras coisas, que uniformes de soldados belgas e franceses foram encontrados em Dinant, mas não as armas, concluindo que soldados se disfarçaram de civis para atirar contra os alemães. Também examinou os ferimentos sofridos por alguns soldados que não poderiam ter sido causadas por armas de guerra convencionais, mas sim por espingardas civis¹⁰³.

Entretanto, Horne e Kramer, autores da importante pesquisa sobre as atrocidades alemãs na Bélgica, já haviam reconhecido que não se podia excluir totalmente que, em alguns casos isolados, um ou outro civil pudesse ter disparado contra o inimigo para proteger seu próprio povo, como permitido pela Segunda Conferência de Haia, de 1907¹⁰⁴, mas insistiram na natureza isolada de tais ações¹⁰⁵.

O conselho municipal de Dinant, em reunião de 27 de novembro de 2017, condenou oficial e unanimemente as acusações contidas no livro de Keller e também convidou o governo belga a adotar a mesma postura¹⁰⁶. O jornal alemão *Die Welt* finalmente concordou com as conclusões de

97. LAPORTE, Christian. Un historien militaire belge interpelle Angela Merkel: l'étonnante relecture allemande des massacres d'août 14. *La Libre*, Bruxelles, 14 nov. 2017.

98. LE NAOUR, Jean-Yves. 1914: la grande illusion. Paris: Place des éditeurs, 2016.

99. PETIT, Jean-Philippe. Dinant l'Allemagne demande pardon, 87 ans après Dinant quatre-vingt-sept ans après le sac de la ville. *Le Soir*, Bruxelles, 7 mai 2001.

100. *Ibid.*

101. *Ibid.*

102. KELLERHOFF, Sven Felix. *Die belgier, nicht ein Haar besser als die Kosaken!* *Die Welt*, Hamburg, 2017.

103. *Ibid.*

104. HORNE; KRAMER, op.cit.

105. KELLER, Ulrich. *Schuldfragen: Belgischer Untergrundkrieg und deutsche Vergeltung im August 1914*; Bruxelles: Verlag Ferdinand Schöningh, 2017.

106. KELLERHOFF, op.cit.

Axel Tixhon: embora a milícia belga (a Guarda Cívica) possa ter disparado sobre tropa alemã, não houve nenhuma *Franktireurkrieg* ("guerra de franco-atiradores") em Dinant. Ela existia apenas no imaginário dos soldados alemães; e principalmente, porque se baseavam exclusivamente nos testemunhos destes últimos, as conclusões de Keller eram discutíveis¹⁰⁷. Axel Tixhon, historiador especializado nos eventos de agosto de 1914, observou que "há um problema neste trabalho [de Keller], que deve perseguir objetivos diferentes dos da pesquisa científica"¹⁰⁸.

Lugares de memória e comemorações

De acordo com Pierre Nora, um lugar de memória, em todos os sentidos da palavra, pode variar desde o objeto mais material e concreto, localizado geograficamente, até o objeto mais abstrato e intelectualmente construído. Pode, portanto, ser um monumento, uma personagem, um museu, um arquivo, ou mesmo um símbolo, um lema, um evento ou uma instituição. Compreensivelmente, Dinant possui hoje diversos espaços de memória ligados à batalha e, principalmente, ao massacre de 23 de agosto, em um esforço memorialístico que começou imediatamente após o final da Grande Guerra.

No dia 23 de agosto de 1919, o Presidente da Câmara dos Deputados da França, Paul Deschanel, prestou homenagem às vítimas de Dinant. Jean Schmitz e Norbert Nieuwland usaram a oportunidade para demonstrar a singularidade de Dinant entre as cidades mártires belgas e francesas: "Dinant é uma das estações no caminho sangrento pelo qual a humanidade se elevou, em dor, à justiça".¹¹⁰ Foi assim que Deschanel se expressou sobre as ruínas da cidade e os túmulos das vítimas em 23 de agosto de 1919, 5º aniversário do Saque de Dinant.

No dia 20 de agosto de 1922, um monumento comemorativo foi inaugurado na *papeterie*. Mesmo tendo sido destruído em 1940 pelos alemães, durante a Segunda Guerra Mundial, ainda é visível a homenagem às 68 pessoas baleadas no local¹¹¹. No mesmo dia, duas placas de bronze feitas pela *Compagnie des Bronzes de Bruxelles* foram inauguradas no local da antiga fábrica de tecidos em homenagem a seu diretor, Remy Himmer e seus 147 trabalhadores.

Em 23 de agosto de 1923, um monumento neoclássico foi inaugurado em Neffe, prestando homenagem a 81 vítimas, incluindo as 23 pessoas do aqueduto e os habitantes de Neffe que foram executados no Muro de Bourdon. O monumento também foi danificado pelos alemães em 1940¹¹².

Exatamente quatro anos mais tarde foi inaugurado o "Altar da Pátria" no pátio da prefeitura, na presença do príncipe herdeiro da Bélgica. Criado pelo escultor de Bruxelas Frans Huygelen, o monumento retratava uma alegoria do sofrimento e finalmente da pátria vitoriosa, representada por várias esculturas de bronze¹¹³.

107. Ibid.

108. TIXHON, Axel. On ne peut pas laisser dire que le massacre de 1914 était dû à une résistance des Dinantais. Matélé, Jemelle, nov. 2017.

109. NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

110. SCHMITZ; NIEWLAND, op.cit.

111. COLEAU, Michel Kellner et al. Dinant: Août 1914, les rives sanglantes. Namur: Les éditions namuroises, 2014.

112. Ibid.

113. Ibid.

Nessa ocasião, também foram inaugurados espaços comemorativos em vários lugares da cidade, incluindo o Muro de Tschoffen, preservando a muralha onde foram executados 116 moradores de Dinant, com um baixorelevo de bronze de 1,4 metros de altura e 3,5 metros de comprimento, em cuja base da pedra está escrito: "Pia homenagem da memória Dinant às 674 vítimas inocentes da fúria teutônica, 116 das quais morreram aqui em 23 de agosto de 1914"¹¹⁴.

Uma estrela comemorativa também foi inaugurada no local do Muro de Bourdon, em 1927, que incluía um baixo-relevo representando um pelotão de fuzilamento que segurava mulheres e crianças na mira de uma arma. Prestava homenagem às 83 vítimas que morreram ali, incluindo sete crianças com idades entre 3 semanas e 2 anos¹¹⁵.

No dia 5 de outubro de 1930, um Sagrado Coração foi inaugurado em Leffe, na Praça da Abadia, substituindo um primeiro memorial, erguido por volta de 1920. Uma placa comemorativa do escultor Frans Huygelen representando o busto de um Cristo na cruz foi afixada na antiga casa dos Servais em homenagem às 243 vítimas de Leffe¹¹⁶.

Em 23 de agosto de 1936, foi inaugurado na Place d'Armes um monumento homenageando as 3.700 vítimas civis belgas de agosto e setembro de 1914, incluindo as 674 vítimas do saque de Dinant, criado pelo escultor Pierre de Soete¹¹⁷. Nele havia a inscrição:

Diante de Deus e da humanidade, sobre nossa honra e consciência, sem ódio ou raiva, conscientes da importância do juramento que estamos prestes a fazer, todos juramos que em agosto de 1914 não sabíamos, víamos ou sabíamos de nada que pudesse ter constituído um ato de violência ilegítima contra as tropas do invasor¹¹⁸.

Em maio de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, o memorial da Place d'Armes foi dinamitado pelas forças de ocupação nazistas, sob o pretexto de que constituía uma afronta à Alemanha¹¹⁹.



Figura 3: Memorial homenageando as vítimas do massacre de 23 de agosto de 1914 em Dinant.

114. Ibid.

115. Ibid.

116. Ibid.

117. Ibid.

118. Ibid.

119. LIPKE, op.cit.

Um novo memorial contendo a lista completa das vítimas foi inaugurado na margem esquerda do Meuse no centenário do massacre (Fig. 3), em 23 de agosto de 2014, na presença do rei Philippe e de outras autoridades¹²⁰. A entrada do memorial é construída para ser uma viagem interior em busca dos nomes das vítimas, que só podem ser lidos por dentro, em contraposição ao céu de Dinant. A idade das vítimas é indicada por um desenho gráfico simples, com um quadrado para um ano e uma linha para dez anos. No monumento/mausoléu podem ser quantificadas as vítimas, por família. A família Monin, por exemplo, perdeu doze pessoas durante o massacre perpetrado pelos alemães¹²¹.

Na Citadelle, no topo do rochedo que domina a cidade e que foi conquistado pelo ousado ataque francês de 15 de agosto, existe um museu cujo acervo inclui peças de artilharia neerlandesa, do período Napoleônico, mas, principalmente, itens alemães da Grande Guerra, incluindo uniformes, capacetes, armamento leve e artilharia.

Ainda na Citadelle, foi estabelecido o cemitério militar francês, onde se encontram sepultados 1.200 soldados franceses mortos na breve Batalha de Dinant de 1914. Em 11 de setembro de 1927, Philippe Pétain, então vice-presidente do Alto Conselho da Guerra, esteve presente na cidade com seu ajudante de ordens, capitão Charles de Gaulle, que havia sido ferido na Batalha de Dinant. Eles inauguraram o monumento L'Assaut no cemitério francês da cidadela de Dinant, projetado pelo escultor Alexandre Daoust¹²².

Outro lugar de memória associado à Grande Guerra é a ponte que liga as duas margens do Meuse diante da cidade de Dinant. Construída inicialmente no século IX, foi palco da batalha em 1914, na qual o então tenente Charles de Gaulle, enquanto tentava cruzar o rio, foi ferido na fíbula ao ser atingido por um disparo de fuzil. Foi depois dinamitada pelos franceses em retirada. Após o conflito a ponte foi reconstruída em 1925, mas, em 12 de maio de 1940, o Exército Belga a explodiu novamente para retardar o avanço dos alemães durante a Segunda Guerra Mundial¹²³. A ponte atual foi inaugurada em novembro de 1954, sendo nomeada em homenagem a Charles de Gaulle¹²⁴.

Também nos distritos de Dinant onde foram executados habitantes da cidade foram estabelecidos monumentos e memoriais homenageando as vítimas do 23 de agosto. Monumentos em Leffe e em Bouvine-sur-Meuse perenizam os civis fuzilados nessas localidades.

Considerações finais

Por sua posição estratégica, dominando o Rio Meuse e na entrada da Floresta das Ardenas, Dinant foi submetida a esforços bélicos desde os tempos antigos. O Plano Schlieffen, concebido entre 1892 e 1906, colocou a pequena cidade belga bem no centro do avanço alemão para subjugar

120. VILLE DE DINANT. Mémorial aux victimes du 23 août 1914. Disponível em <<http://www.dinant.be/patrimoine/histoire-dinantaise/memorial-aux-victimes-du-23-aout-1914>>. Acesso em 27 jan. 2022.

121. Pesquisa de campo realizada pelo autor.

122. FERRIER, Christian. Discours inaugural de la statue à l'effigie de Charles de Gaulle. Dinant, 15 ago. 2014.

123. VILLE DE DINANT. Pont de Dinant. Disponível em <<http://www.dinant.be/patrimoine/sites/pont-de-dinant>>. Acesso em 29 jan. 2022.

124. ANGELROTH, Marie-Marthe. Le pont Charles de Gaulle. Wawmagazine, Wavre, s/d.

a França. Com a deflagração da Grande Guerra, em agosto de 1914, o 3º Exército alemão investiu contra a cidade buscando atravessar o Meuse esperando pouca ou nenhuma resistência. No entanto, os franceses, aliados da Bélgica, haviam se antecipado, e empreenderam uma sólida defesa contra o avanço alemão.

Na batalha que ocorreu, os alemães creditaram muitas de suas baixas a supostos ataques da população civil belga, que, atuando como franco-atiradores, dispararam contra seus soldados que tentavam transpor o rio. Em represália, o Exército Alemão empreendeu um saque generalizado à Dinant, incendiando os imóveis e promovendo um massacre contra a população civil, que resultou na morte criminoso de 647 pessoas.

Embora os alemães conseguissem cruzar o Meuse, no contexto da chamada Batalha das Fronteiras, que assinalou os primeiros movimentos da Grande Guerra, o massacre de Dinant – e outros que a ele se seguiram – maculou a atuação alemã, impactando fortemente o cenário internacional e catalisando o envolvimento de muitos Estados no conflito.

Com o fim da guerra, em novembro de 1918, os habitantes de Dinant e o governo belga passaram a buscar justiça pelas vítimas, seja no plano jurídico ou no campo moral, historiográfico e memorial. Apesar de o judiciário não ter respondido às demandas da sociedade, restando impunes os perpetradores dos crimes de guerra, diversas iniciativas memoriais foram bem sucedidas, e hoje a cidade possui muitos lugares de memória que homenageiam os cidadãos mortos no massacre de 23 de agosto de 1914.

Em 1940, no contexto da Segunda Guerra Mundial e utilizando quase o mesmo itinerário, ainda sob a influência do Plano Schlieffen, a 7ª Divisão Panzer de Erwin Rommel, apelidada de "Divisão Fantasma", também cruzou o Meuse em Dinant e seguiu em direção à França, em um movimento estratégico que resultou no colapso das defesas francesas e na derrota do país¹²⁵. Apesar dessa importante manobra operada na cidade, em Dinant a memória pouco faz referência ao segundo conflito mundial, permanecendo centrada na Grande Guerra. Os massacres e o saque da cidade certamente justificam a percepção, visto que a cidade permanece vinculada a um passado que não passa.

Quase noventa anos mais tarde, finalmente o governo alemão, sob a gestão de Angela Merkel, reconheceu a autoria do massacre e se desculpou publicamente pelas ações de agosto de 1914, no contexto da construção da União Europeia. Hoje Dinant destaca-se como uma cidade turística, por vezes considerada como a “cidade mais bonita da Bélgica”.

Apesar da beleza da cidade, espremida entre as montanhas e o Meuse, paira ainda a tragédia de 23 de agosto de 1914, quando cerca de 8,5% de seus habitantes foram assassinados por forças militares alemãs, um crime de guerra que ficou impune.

125. MARY, Jean-Yves Mary. *Le corridor des panzers*, t. 1. Bayeux: Heimdal, 2009.

Bibliografia

- 1914: Belgium's Dogs of War. The Dawlish Chronicles, London, s/d. Disponível em <https://dawlishchronicles.com/1914-dogs-of-war>. Acesso em 25 jan. 2022.
- ANGELROTH, Marie-Marthe. Le pont Charles de Gaulle. Wawmagazine, Wavre: s/e, s/d.
- BROOSES, E.D. **The kaiser's army: the politicians of military technology during the modern age 1870-1918**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- BRÜLL, Christoph. **Le poids d'août 1914 dans les relations belgo-allemandes, 1914-1964**. Bulletin du CLHAM, n. 137, 2014.
- CALMETTE, Joseph. **The golden age of Burgundy**. London: Phoenix Press, 2001.
- CHANOINE, Jean Schmitz; NIEUWLAND, Dom Norbert. **Documents pour servir à l'Histoire de l'invasion allemande dans les provinces de Namur et de Luxembourg: quatrième partie, le combat de Dinant, II. Le sac de la ville, v. 5**. Paris/Bruxelles: Librairie nationale d'art et d'histoire/G. Van Hoest & Cie, 1922.
- CITADELLE DE DINANT. **La Citadelle Dinant, plan de visite**. Dinant: Citadelle Dinant, 2022.
- CLARINVAL, Willy. **Quel est cet officier allemand qui sauva 300 Dinantais, le 23 août 1914, d'un second massacre près de la prison?: contribution à l'étude des événements d'août 1914 à Dinant**, Traces mosanes, n. especial, mar. 2014.
- COLEAU, Michel et al. **Dinant: Août 1914 - Les rives sanglantes**. Namur: Les Éditions namuroises, 2014.
- COLEAU, Michel. **Le martyr des prémontrés de Leffe: une Abbaye sous haute tension (août-novembre 1914)**. Dinant: Les Echos de Crèvecoeur, 2014.
- EVARD, Ernest. **Les massacres de Dinant**. Anvers: Imprimerie Nationale L. Opdebeek, 1919.
- FERRIER, Christian. **Discours inaugural de la statue à l'effigie de Charles de Gaulle**. Dinant, 15 ago. 2014.
- FORO, Philippe. Charles de Gaulle et François Mitterrand: regards croisés sur l'Allemagne à partir de leur expérience de la captivité. In: CAUCANAS, Sylvie et al (org.). **Les prisonniers de guerre dans l'Histoire: Contacts entre peuples et cultures**. Toulouse: Provat, 2003.
- FRANÇOIS, Aurore; VESENTINI, Frédéric. **Essai sur l'origine des massacres du mois d'août 1914 à Tamines et à Dinant**. Cahiers d'Histoire du temps présent. n. 7, 2000.
- HORNE, John; KRAMER, Alan. **1914, les atrocités allemandes: la vérité sur les crimes de guerre en France et en Belgique**. Paris: Éditions Tallandier, 2011.
- KELLER, Ulrich. **Schuldfragen: Belgischer Untergrundkrieg und deutsche Vergeltung im August 1914**; Bruxelles: Verlag Ferdinand Schöningh, 2017.

KELLERHOFF, Sven Felix. **Die Belgier, nicht ein Haar besser als die Kosaken!** Die Welt, Hamburg, dez. 2017.

KOSSMAN, H. **The Low Countries: 1870-1940.** Oxford: Oxford University Press, 1978.

LAPORTE, Christian. **Un historien militaire belge interpelle Angela Merkel: l'étonnante relecture allemande des massacres d'août 14.** La Libre, Bruxelles, 14 nov. 2017.

LE GÉNÉRAL Deligny. **Le Pays de France**, Paris, n. 174, 14 fev. 1918, p. 31.

LE NAOUR, Jean-Yves. **1914: la grande illusion.** Paris: Place des éditeurs, 2016.

LIPKES, Jeff. **Rehearsals: the German Army in Belgium, August 1914.** Leuven: Leuven University Press, 2007.

LYNN, John. **The wars of Louis XIV, 1667–1714.** London: Longman, 1999.

MARY, Jean-Yves Mary. **Le corridor des panzers**, t. 1. Bayeux: Heimdal, 2009.

NIEWLAND, Norbert. **Le nécrologe dinantais.** Bruxelles: Dewit (édition clandestine), 1915.

NIEWLAND, Norbert; TSCHOFFEN, Maurice. **Le conte de fée des francs-tireurs de Dinant: réponse au rapport du professeur Meurer de l'Université de Würzburg.** Gembloux: Ducu-lot, 1928.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares.** Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

ON ne peut pas laisser dire que le massacre de 1914 était dû à une résistance des Dinantais. Matélé, Jemelle, nov. 2017.

PETIT, Jean-Philippe. **Dinant l'Allemagne demande pardon, 87 ans après Dinant quatre-vingt-sept ans après le sac de la ville.** Le Soir, Bruxelles, 7 mai 2001.

_____. **Dinant le 6 mai sera le jour du "rapprochement":** le drapeau allemand flottera sur le pont. Dinant, Le Soir, Bruxelles, 14 mar. 2001.

REPUBLIQUE FRANÇAISE. **Documents relatifs à la guerre:** rapports et procès-verbeaux d'enquête de la commission. Paris: Imprimerie Nationale, 1915.

SCHMITZ, Chamoine; NIEWLAND, Don. **Documents pour servir à l'histoire de l'invasion allemande dans les provinces de Namur et de Luxembourg.** Bruxelles: Van Hoest & Cia, 1922.

SIMONET, Benjamin. **Franchise militaire: de la bataille des frontières aux combats de Champagne, 1914-1915.** Paris: Gallimard, 1986.

SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial: história completa.** São Paulo: Contexto, 2015.

TIXHON, Axel. **Ex Cathedra: Qui étaient les bourreaux de Dinant en 1914?** Matélé, Jemelle, 2015.

_____. **On ne peut pas laisser dire que le massacre de 1914 était dû à une résistance des**

Dinantais. Matélé, Jemelle, nov. 2017.

TSCHOFEN, Maurice. **Le sac de Dinant et des légends du livre blanc allemande du 10 mai 1915.** Ghent: S.A. Futura, 1917.

VILLE DE DINANT. **Bataille du 15 août 1914.** Disponível em <http://www.dinant.be/patrimoine/histoire-dinantaise/bataille-15-aout-1914>. Acesso em 26 jan. 2022.

_____. **Le sac du 23 août 1914.** Disponível em <http://www.dinant.be/patrimoine/histoire-dinantaise/sac-du-23-aout-1914>. Acesso em 26 jan. 2022.

_____. **Mémorial aux victimes du 23 août 1914.** Disponível em <http://www.dinant.be/patrimoine/histoire-dinantaise/memorial-aux-victimes-du-23-aout-1914>. Acesso em 27 jan. 2022.

_____. **Pont de Dinant.** Disponível em <http://www.dinant.be/patrimoine/sites/pont-de-dinant>. Acesso em 29 jan. 2022.

ZUCKERMAN, Larry. **The rape of Belgium: the untold story of World War I.** New York: New York University Press, 2004.